



Na edição de quarta-feira, 24 de Março de 2010, a revista «Time Out Lisboa» publicou um pequeno, mas interessante artigo sobre o Museu da Música intitulado "Um museu enfiado debaixo da terra?".

República dos Corvos

Um museu enfiado debaixo da terra?

Podia ser um estilo. Um museu tão *underground* que ficava debaixo do chão. Mas falamos de Lisboa. E a verdade é que há um museu na cidade que está enfiado no chão sem querer. A situação era provisória. Só que é provisória desde 1994. Os amigos do Museu da Música (e quando se diz amigos não é eufemismo – há mesmo uma associação com este nome) dizem que é urgente que o museu veja a luz. Literalmente.

“O museu funciona nuns anexos da estação de metro do Alto dos Moinhos. E neste momento, por causa disso, não consegue mostrar toda a riqueza das suas colecções. O espaço onde está não o permite”, diz Luís Paiva, da Associação Amigos do Museu. “Há muitos instrumentos que estão guardados nas reservas e que deviam estar em exposição. E mesmo as reservas já não têm espaço.”

A situação era provisória, lembra, mas “o provisório pode estar a acabar e nem isso ser bom. É que o



Escondido Para ir ao Museu da Música o melhor mesmo é ir de metro

espaço onde o museu está foi cedido no âmbito de um acordo com o metropolitano e esse acordo tem a duração de 20 anos. É urgente sair dali por falta de condições, mas é também urgente ter uma solução. Deixar o tempo chegar ao fim é uma falsa solução.”

Contactado pela *Time Out*, o Museu da Música confirmou que o

museu está instalado nuns anexos do metro do Alto dos Moinhos. O porta-voz do museu adiantou ainda que “em entrevista recente ao *Expresso*, o presidente do Instituto dos Museus e da Conservação (IMC) afirmou estar empenhado em mudar o museu de lugar”. A *Time Out* tentou contactar o IMC, mas tal não foi possível

até ao fecho desta edição. De qualquer forma, nem os amigos do museu questionam a vontade. O que questionam é o tempo perdido. “As instâncias competentes têm vontade, o que achamos que aconteceu foi que durante anos não houve consciência da urgência da mudança de local”, afirma Luís Paiva. Talvez porque, como diz, não chove lá dentro no Inverno nem fazem 40 graus no Verão.

Mas “as trepidações provocadas pelo metro e o próprio movimento dos carros na estrada faz mal aos instrumentos. Não são tremores de terra, mas os instrumentos, por norma, não gostam de abanões.” Afinal, estamos numa cave. O que faz ainda menos sentido quando se sabe que o museu não está às moscas. “Tem 10 a 12 mil visitantes por ano e muitos são estudantes. Não há uma tarde de semana em que não sejamos visitados por escolas. O museu tem clientela.” Agora precisa de sair do buraco.
Ângela Marques